

Os ecos de Philip K. Dick na mentalidade de Ruptura¹

Robinson Samulak Alves²

Valquíria Michela John³

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O artigo tem como objetivo principal, avaliar e reconhecer as ligações que a série *Ruptura* (2022-), criada pelo serviço de streaming AppleTV+, possui com a literatura de Ficção Científica de Philip K. Dick. Para tanto, foi analisado, a partir das metodologias propostas por Genette (1995; 2010) o livro *O Homem Duplo* (2020) e sua conexão narrativa com *Ruptura*. Em ambas as histórias são apresentadas personagens que são obrigadas a separar a mente entre vida pessoal e profissional, o que gera um conflito de identidade e de individualidade. O que se observou foi que abordagens análogas às do escritor estão presentes na série, tanto no nível de transformação séria (transposição), quanto de imitação lúdica (pastiche).

Palavras-chave: Ruptura; ficção científica; Philip K. Dick; AppleTV+.

Introdução

A remoção da individualidade dos sujeitos é um tema recorrente na ficção científica (FC). Já era observado em *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno* [1818], de Mary Shelley, e ressurgiu inúmeras vezes ao longo das várias gerações seguintes. O “monstro” criado por Victor Frankenstein não é nomeado em momento algum da história, sendo retratado pura e simplesmente como uma coisa. Uma criatura que não despertou encanto nem mesmo de seu criador. Essa “coisificação” é usada por Mary Shelley como elemento de conflito na trama, uma vez que a criatura é descrita como inteligente e capaz de expressar sentimentos. Mas, ao não olhar para todos esses elementos que individualizam o “monstro”, Frankenstein se sente confortável para subjugar e, até mesmo, eliminar aquele ser.

Nas décadas que se seguiram à publicação de *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, outros autores abordaram este mesmo conflito sob diferentes pontos de vista. H.G. Wells, por exemplo, repete a discussão de Mary Shelley à luz do marxismo em *A*

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM/UFPR, email: rsamulakalves@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do PPGCOM/UFPR, email: vmichela@gmail.com

Máquina do Tempo [1895] e à luz do darwinismo em *A Ilha do Dr. Moreau* [1896]. Adam Roberts (2018) reconhece que a temática perde espaço na literatura com a chamada Era de Ouro da FC. Os autores desse período — que começa a se formar na segunda metade da década de 1930, mas se consolida entre as décadas de 1940 e 1950 (ROBERTS, 2018, p. 455) — tiveram foco no desenvolvimento e no potencial tecnológico, no que foi popularmente batizado de FC *hard*⁴. Se ainda persistem as personagens não individualizadas, este aspecto não costuma aparecer como um elemento que faz as narrativas avançarem⁵.

Contudo, com a chegada da década de 1950, o mundo da FC começa a se deparar com uma nova proposta de histórias. Nesse período, começam a ganhar espaço autores que se destacaram, sobretudo nos Estados Unidos, pela diversidade das temáticas que passaram a vigorar dentro dos textos deste gênero (ALVES, 2022, p. 39). Muitos deles tiveram sua formação consolidada a partir da literatura criada pelos autores da Era de Ouro, o que fez com que eles pudessem perceber — e até mesmo sentir — o desgaste que aquelas obras começaram a deixar, já no final da década de 1950. Roberts (2018) destaca ainda que o otimismo proposto pela Era de Ouro em volta da tecnologia parecia longe de se concretizar fora da ficção. Esse cenário de incertezas — tanto no que diz respeito à ficção quanto à sociedade — fez com que essa nova geração de escritores reagisse contra as convenções da FC tradicional e passassem a produzir ficções científicas de vanguarda, radicais ou fragmentadas (ROBERTS, 2018, p. 525).

Esta geração de escritores ficou conhecida por críticos e pesquisadores da FC como *New Wave*, e, embora não tenha sido uma geração marcada pelo sucesso comercial (AMARAL, 2005, p. 91), ela serviu para revigorar o gênero, com autores que procuravam nos cidadãos comuns os seus heróis⁶. Ao mesmo tempo — ou, talvez, impulsionada por essa reinterpretação dos protagonistas —, é durante a *New Wave* que a FC se volta, mais uma vez, à individualidade dos sujeitos como um elemento fundamental. E isso é particularmente notório na literatura de Philip K. Dick, autor que começou a publicar seus primeiros romances no início da década de 1950, mas que só

⁴ A ideia de uma FC “dura” se baseia no uso da tecnologia como elemento central da obra. Para a maioria dos autores da Era de Ouro, a FC não poderia propor uma tecnologia fantástica. Ao contrário, ela deveria ser baseada em conhecimentos científicos e ser, em alguma medida, factível.

⁵ Os romances distópicos — que atravessam a Era de Ouro — se consolidam como as principais exceções neste período. Em *Admirável Mundo Novo* [1932], por exemplo, é justamente a percepção da remoção das individualidades que impulsiona o protagonista em sua jornada.

⁶ Diferente do que aconteceu com a Era de Ouro, termo

passou a se dedicar de maneira mais enfática à FC, à partir de 1961 (JAMESON, 2021, p. 555).

Uma parte significativa da literatura de Dick se baseia em argumentos que questionam o que é real e o que é irreal. Em *Blade Runner*⁷ [1968], por exemplo, esses questionamentos se fazem presentes a partir dos replicantes que são criados com memórias falsas, fazendo com que seja possível que qualquer personagem que se apresente como um ser humano, seja, na verdade, um replicante (ALVES, 2022, p. 63). Dick retoma a mesma ideia de “coisificação” presente em *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, para discutir o tratamento dado pelos humanos aos replicantes. Se eles não possuem uma individualidade, é possível tratá-los como objetos, cujo único propósito é satisfazer as necessidades da humanidade.

A mentalidade em Philip K. Dick

Dick é notoriamente conhecido dentro da FC, pela dubiedade como tratava a realidade em suas obras. Nem sempre as coisas são o que é sugerido inicialmente, e toda a noção de realidade pode ser perdida, confundida ou alterada, a partir da percepção de suas personagens. Não são raros os casos em que essa quebra da realidade é motivada pelo uso de drogas. Mas traumas pessoais, poderes psíquicos e diferentes tecnologias, também surgem como ferramentas para que o todo se camufle em microcosmos de uma “pseudorrealidade”.

Em *Os Três Estigmas de Palmer Eldritch* [1965], a humanidade se vê obrigada a migrar para colônias espaciais devido às mudanças climáticas. As pessoas são enviadas à Marte, são obrigadas a viver no planeta como colonos e, sem a perspectiva de retornar à Terra, precisam lidar com o isolamento e as dificuldades locais. Na tentativa de amenizar esse cenário, algumas pessoas passam a fazer uso de uma substância conhecida como Can-D, que faz com que elas possam viver temporariamente uma realidade alternativa.

⁷ O livro foi publicado com o título *Do Androids Dream of Electric Sheep?*. A obra conta com diversas traduções para o português, com algumas mantendo uma tradução literal (*Andróides Sonham Com Ovelhas Elétricas?*). Porém, como o livro também contou com uma adaptação cinematográfica, algumas editoras optaram por utilizar o nome do filme, *Blade Runner*, na edição em português. Para este trabalho, foi utilizada a tradução mais recente (2019) da editora Aleph, que manteve o título do filme.

A Can-D é ótima, e não admira que seja proibida. É como religião. A Can-D é a religião dos colonizadores. Um pedaço, mastigado por quinze minutos e... nada de cabana. Nada de metano congelado. Ela proporciona uma razão para viver. Não vale a pena o risco e o custo? (DICK, 2022, p. 38).

Para as pessoas colocadas em um ambiente hostil e isolado, a sensação de liberdade só pode ser experimentada, se fora da realidade. *Os Três Estigmas de Palmer Eldritch* aborda esse conceito como um dos elementos-chaves da trama. Há aqui, portanto, a busca por uma nova realidade. O uso de substâncias psicoativas é o instrumento para se chegar em uma nova realidade, mas que aqui não entra em conflito com a realidade testemunhada sem o uso da Can-D.

Outro caso de fuga da realidade, que segue o mesmo princípio apresentado em *Os Três Estigmas de Palmer Eldritch* — a personagem vai em busca de uma nova e falsa realidade —, mas agora fazendo com que o protagonista passe a questionar suas memórias, é o conto *Lembramos Para Você a Preço de Atacado* [1966]. Aqui, a trama gira em torno de uma tecnologia que permite a criação e implementação de memórias, para que as pessoas possam conseguir ter lembranças de eventos que não ocorreram. Quando Douglas Quail decide utilizar o serviço para viajar para Marte, uma vez que suas condições financeiras não permitem que ele realize este sonho, as memórias implantadas ativam outras memórias reprimidas em sua mente de já ter vivido em Marte. Isso faz com que Quail passe a se questionar sobre seu passado e sobre o que é realmente fato ou invenção.

Essa confusão entre o que acredita que viveu, o que ele gostaria de ter vivido e o que ele não se lembrava de ter vivido, constitui um argumento central da literatura de Philip K. Dick. Afinal, não basta apenas a fuga do real, nem a busca por uma nova, mesmo que falsa, realidade. Para o autor, isso era também um argumento narrativo. Era uma abordagem que era usada para fazer com que suas histórias progredissem. Em *Os Três Estigmas de Palmer Eldritch*, o interesse dos colonos pela Can-D, estimula a criação de uma segunda droga, mais forte e devastadora, a Can-Z, e que será elemento-chave para o desenvolvimento da história. Em *Lembramos Para Você a Preço de Atacado*, a ativação das memórias reprimidas colocará Quail em perigo e fará com que a história avance.

Mas, mais além disso, é o que alimenta a discussão sobre a individualidades das suas personagens. A incerteza sobre sua própria realidade, permite que seus protagonistas possam ser moldados de acordo com interesses de terceiros, sejam eles políticos, econômicos ou militares. Se uma personagem não é dona nem de seus pensamentos, o que lhe garante que ela pode ser responsável por seus desejos e vontades?

Tornou-se fato célebre como Descartes, procurando alguma coisa que pudesse absoluta e certamente chamar de sua, deparou-se com alegria com o *cogito ergo sum*. Era algo que, ele tinha certeza, nenhum demônio malicioso poderia lhe tirar. Mas Dick é um anti-Descartes. Aborda o “penso, logo existo” com um contra-argumento de certo modo brilhante: por que você presume que os pensamentos na sua cabeça sejam seus? (ROBERTS, 2018, p. 550).

Mas é em outra obra que a complexidade e o rigor com que Dick interroga a noção de que a realidade pode não ser o que parece se mostra mais intensa. *O Homem Duplo* [1977], um de seus últimos romances, acompanha Bob Arctor, um policial que precisa se infiltrar entre traficantes de uma droga extremamente viciante. Ela é conhecida como Substância D, e seus usuários vivenciam o surgimento de uma nova personalidade após o seu uso. Para poder se passar por um dos usuários e derrubar a rede de traficantes, Arctor se vê obrigado a se tornar, ele próprio, um usuário da Substância D, o que faz com que ele comece a duvidar da própria identidade e a questionar quem ele realmente é.

Em muitas das pessoas que tomam a Substância D ocorre uma separação entre o hemisfério direito e o hemisfério esquerdo do cérebro [...]. Há uma perda da gestalt adequada, que é um defeito tanto no sistema de percepção quanto no sistema de cognição, ainda que, aparentemente, o sistema cognitivo continue funcionando normalmente. Mas o que agora se recebe do sistema de percepção é contaminado pelo fato de estar separado [...]. Isso não é um dano cerebral, mas uma espécie de toxicidade, toxicidade cerebral (DICK, 2020, p. 138-139).

Jameson (2021) recorda que, enquanto essa confusão mental, característica de Dick, ajuda a descrever as personagens do autor, ela pode ainda ser lida como uma

esquizofrenia que, em alguns casos, revela a real identidade dos seus protagonistas. Em resumo, essa esquizofrenia

Não é apenas a inversão da individualidade ou do individualismo do cogito androide; é também o pretexto [...] para dar conselhos, o lugar e o apelo ao adjuvante, o desamparo essencial do ser humano individual deixado de fora das grandes coletividades dos negócios e corporações de Dick (JAMESON, 2021, p. 576).

Dick recorre a essa quebra da consciência, para que, assim, suas personagens possam se revelar a si mesmas e aos leitores. É recorrente que, enquanto não se dão conta da sua real condição, essas personagens podem ser coisificadas e usadas para interesses que não os seus próprios. Ao final de *O Homem Duplo*, Arctor se mostra consciente dos efeitos causados pela Substância D e espera recuperar suas faculdades mentais depois que parar de consumi-la, embora seja alertado sobre possíveis danos permanentes.

A quebra da individualidade em *Ruptura*

Lançada em 2022 pelo serviço de streaming AppleTV+, a série *Ruptura*, acompanha Mark (Adam Scott), o líder de um time de funcionários das Indústrias Lumone, uma empresa sobre a qual ele mesmo pouco sabe. Para poder trabalhar neste local, os funcionários são submetidos a um procedimento cirúrgico que divide as memórias entre vida profissional e pessoal. Isso faz com que, ao chegar no trabalho, uma parte das suas mentes sejam desligadas e eles não saibam quem são do lado de fora. Enquanto que, ao sair, eles não conseguem se lembrar quem são ou o que fazem durante o trabalho.

A série começa com Helly (Britt Lower) acordando em uma sala, sem saber como chegou no local. Através de um aparelho de audioconferência, ela precisa responder a cinco diferentes perguntas, sendo quatro relacionadas à sua vida pessoal e uma de conhecimentos gerais. Tendo se submetido ao processo de ruptura, Helly teve sua memória dividida e não consegue se recordar de quem ela é nem qualquer outra informação sobre sua vida pessoal.

Mas é com Petey (Yul Vazquez) que é apresentado o primeiro conflito da série que se relaciona com a perda da individualidade causada pela ruptura. Petey é apresentado como um ex-colega de Mark, que secretamente optou por desfazer a ruptura e tentar retomar sua vida. Enquanto é perseguido por seus antigos chefes, ele precisa convencer Mark que os dois se conhecem, uma vez que do lado de fora, nenhum funcionário da Lumon sabe com quem trabalha. E é através de Petey que é possível compreender as consequências cerebrais do processo de ruptura.

Enquanto busca se esconder, Petey não consegue ter total noção do que é a realidade que ele vive, com a que ele viveu. Presente e passado se misturam em seu cérebro que, assim como acontece em *O Homem Duplo*, não sofreu um processo degenerativo. No romance de Dick, o que ocorre com que utiliza a Substância D é

Um fenômeno competitivo entre os hemisférios direito e esquerdo do seu cérebro. Não é como se fosse um sinal único, de mau funcionamento ou contaminação, e sim sinais duplos que causam interferências entre si e carregam informações conflitantes. [...] Como ocorreram danos no seu hemisfério esquerdo, que normalmente é dominante, o hemisfério direito está tentando compensar a deficiência. Mas essas funções gêmeas não se fundem, porque é uma condição anormal para o qual o corpo não está preparado, algo que jamais deveria acontecer. Chamamos de *interpretação cruzada* (DICK, 2020, p. 249-251).

Na série a confusão mental de Petey é causada pelo mesmo motivo. As duas partes separadas — a que possui as memórias pessoais e a que possui as demais memórias — disputam para realizar as mesmas ações. Isso gera uma confusão, que não permite a personagem saber exatamente o que está acontecendo.

Essas confusões permitem que tanto a série quanto o livro possam ser analisados sob a classificação narrativa de tempo, proposta por Genette (1995), na qual cada momento de consciência responde a um período de análise. Assim, é possível separar as duas obras em duas categorias: (1) o real, que se caracteriza pelos momentos em que as personagens estão no que seria o seu estado de consciência natural (na sobriedade, para Arctor, e fora da Lumon, para as personagens de Ruptura⁸), e (2) o

⁸ Considerou-se o real para fora da empresa, por ser a condição na qual as personagens têm conhecimento sobre quem de fato são, embora uma parte dos seus cérebros esteja desligada.

quebrado, quando as personagens não são capazes de reconhecer que de fato são (após o uso da Substância D, para Arctor, e dentro da empresa, para as personagens de Ruptura).

Genette (2010) também permite olhar para as duas obras, a partir das relações que elas apresentam entre si, no que o autor chama de hipertextualidade. Genette defende que as relações de hipertextualidade ocorrem quando um texto (B) possui alguma conexão com um texto (A) anterior a ele, mesmo nas situações “em que B não fale nada de A, no entanto não poderia existir daquela forma sem A, do qual ele resulta” (GENETTE, 2010, p.12).

A partir das categorias criadas, a leitura de *Ruptura* permitiu, em um primeiro momento, estabelecer uma relação de transformação sem efeitos lúdico ou satírico de *O Homem Duplo*. Genette (2010) chama essa relação hipertextual de transposição, quando um mesmo conceito — ou uma mesma ideia — é reutilizado por outro texto, sem que haja uma mudança de tom. Essa foi a conexão estabelecida a partir da maneira como Petey deixa de compreender a realidade, mesmo não estando mais sob efeito da separação mental causada pelo processo de ruptura, na sequência final do segundo episódio (FIGURA 1). O mesmo acontece quando Arctor começa a se questionar quem ele realmente é, em situações nas quais os efeitos da Substância D já deveriam ter passado. Em ambos os casos, os danos às estruturas cerebrais criaram um terceiro estado de consciência, que não melhora nenhum dos outros dois e ainda torna a percepção do real ainda mais confusa para as personagens.

Mas a leitura de *Ruptura* à luz da literatura de Philip K. Dick permitiu identificar uma segunda relação: uma imitação lúdica, ou um pastiche. Genette (2010) identifica este hipertexto quando há uma mistura de elementos que não possuem o objetivo de causar um efeito cômico ou depreciativo, sendo sua característica principal a imitação do texto original, a partir de uma mescla de códigos. *Ruptura* trabalha com uma característica essencial de *O Homem Duplo* nesse sentido: a necessidade da quebra da mente, para poder realizar o seu trabalho.

Porém, enquanto em *O Homem Duplo*, o policial Arctor consegue reconhecer a si mesmo nas duas categorias aqui propostas — mesmo que em determinado momento do livro isso se perca — em *Ruptura* não há qualquer indício de que isso pode

acontecer. Pelo contrário, é fundamental que as personagens não consigam se reconhecer por completo.

FIGURA 1



FONTE: *frames* de *Ruptura*. Sequência final do episódio 2 da primeira temporada — Meia volta. Na sequência, Petey não consegue saber se está lavando o rosto, tomando o banho ou fazendo as duas coisas ao mesmo tempo.

Através do protagonista é possível perceber a importância dessa separação, ainda no primeiro episódio. Mark aparece inicialmente chorando dentro do seu carro. Ao longo da primeira temporada, é possível identificá-lo como uma pessoa que passou a sofrer de depressão após a morte da esposa. Dentro da Lumon, sua personalidade é diferente, uma vez que ele não carrega esse trauma. O ator caminha com uma postura mais ereta e seu rosto tem um semblante mais calmo. A mudança entre as duas

personalidades ocorre dentro do elevador da empresa, quando o chip implantado no cérebro responsável pela ruptura é ativado.

FIGURA 2



FONTE: *frames* de *Ruptura*. Sequência do episódio 1 da primeira temporada — Boas notícias sobre o inferno. Na sequência, Mark chega para o trabalho com um andar pesado e uma posição recurvada. Depois de ter o chip ativado no elevador, ele sai com uma postura mais ereta e com um andar mais confiante.

O conflito que a série sugere é que essa divisão do cérebro cria uma segunda pessoa dentro de um mesmo corpo. Ao remover a individualidade das personagens do lado de dentro da empresa, o processo força a criação de uma nova personalidade, que existe apenas ali. Assim como Arctor apresenta um comportamento moldado a partir das suas experiências como usuário da Substância D, Mark e seus colegas não se tornam todos idênticos, mas cada um adquire personalidades distintas.

A série explora essa divisão ao mesmo tempo que a problematiza. Jameson (2021, p. 339) nos faz olhar para essa busca constante por diferentes individualidades, como um reflexo da pós-modernidade — assim como a tentativa de quebrá-las ou reduzi-las como uma das suas consequências. Nesse sentido, há um conflito em dois sentidos, com os funcionários tentando se reconhecer de alguma maneira, sem saber ao certo quem eles de fato são. Mas, por outro lado, a Lumon busca forçar a remoção da individualidade de seus funcionários, justamente para que eles não se reconheçam como indivíduos.

Considerações finais

As relações que podem ser estabelecidas entre obras de FC não se resumem a menções diretas e explícitas. Tampouco é possível afirmar que apenas uma leitura está ligada a uma obra contemporânea, como é o caso de *Ruptura*. Há, de fato, as mais variadas conexões entre a série e uma vasta quantidade de livros e produções audiovisuais, que permitem diferentes leituras e interpretações. Nosso objetivo neste artigo não foi encerrar as discussões sobre a série. Pelo contrário, buscamos oferecer uma relação direta com um dos mais celebrados autores de FC, mas reconhecendo que existem outros olhares ainda a serem explorados.

A partir desta consideração, o que foi possível observar foi uma relação muito próxima entre uma temática recorrente na literatura de Philip K. Dick e o argumento central de *Ruptura*. A quebra da mente — e, conseqüentemente, da individualidade — das personagens é tratada como elemento narrativo central da série, assim como acontece em *O Homem Duplo*. A partir da leitura de ambas as obras, foi possível identificar duas relações textuais propostas do Genette (2010), sendo a primeira uma transformação séria (transposição), enquanto que a segunda sendo uma imitação lúdica (pastiche).

O que a leitura de *Ruptura* sob o ponto de vista da literatura de Dick nos possibilitou, foi encarar o argumento central da série como uma atualização e uma releitura da FC da geração *new wave*. Há uma preocupação em tratar os conflitos das personagens a partir das suas subjetividades, algo que a separação da mente busca eliminar. Impedir que funcionários levem para o trabalho seus dramas e conflitos pessoais, pode ser lido como uma tentativa de diminuir as personagens, para que elas possam ser vistas como objetos — neste caso, não tão distantes do que acontece com os andróides de *Blade Runner*. Na tentativa de retomar o controle sobre suas consciências, há uma jornada para que as personagens descubram quem, de fato, elas são e possam recuperar suas individualidades, objetivo compartilhado também pelo policial Bob Arctor.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. S. **As fronteiras do ciberespaço na ficção científica**: da gênese à evolução narrativa. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFPR, Curitiba, 2022.

AMARAL, A. R. **Visões perigosas – uma arque-genealogia do cyberpunk**: do romantismo gótico às subculturas; comunicação e cibercultura em Philip K. Dick. Tese (Doutorado em Comunicação Social), PUC-RS, Porto Alegre, 2005.

DICK, Philip K. **O Homem Duplo**. São Paulo: Aleph. Tradução de Daniel Lühmann, 2020.

_____. **Os três estigmas de Palmer Eldritch**. São Paulo: Aleph. Tradução de Ludimila Hashimoto, 2022.

GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Vega. Tradução de Fernando Cabral Martins, 1995.

_____. **Palimpsestos**: A literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Edições Viva Voz. Tradução de Cibele Braga et al., 2010.

JAMESON, Fredric. **Arqueologias do Futuro**: O desejo chamado Utopia e outras ficções científicas. Belo Horizonte: Autêntica. Tradução de Carlos Pissardo, 2021.

ROBERTS, A. **A Verdadeira História da Ficção Científica**: Do Preconceito à Conquista das Massas. São Paulo: Seoman. Tradução de Mário Molina, 2018.